

JUSTINIANO DE SERPA

Justiniano José de Serpa nasceu em 6 de junho de 1876 na cidade de Aquidauana, Ceará, e faleceu no Rio de Janeiro no dia 27 de agosto de 1924, aos 48 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1898, trabalhou na carreira pública em decorrência do grande dom de oratória que possuía. Foi deputado provincial do Ceará (1892/1899), deputado federal pelo Ceará (1900/1912), e presidente do Conselho de 1920 até a morte. No período em que viveu no Rio de Janeiro, trabalhou como bibliotecário na biblioteca do estado (atual) e também se dedicou ao magistério em cursos de Direito, Letras e do Ginásio Artístico. Em Recife, em 1912, foi eleito presidente da Faculdade de Direito da Paraíba.

Jornalista e poeta, colaborou em vários jornais da capital cearense, como a *Bohème* e as seguintes revistas: *Orpheu* (1913), *Revista de Arte* (1914) e *Revista de Letras* (1915).

ANTOLOGIA DOS POETAS DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

no período de 1896 a 1900. Teve ainda parte de seu trabalho publicado em *Revista de Arte* e *Revista de Letras*, sendo também autor de vários poemas publicados em jornais e revistas. Após ingressar no serviço público, em 1901, foi eleito presidente do conselho, cargo que ocupou até 1902. Quando foi eleito presidente do conselho, surgiu a ideia de publicar uma antologia de poemas dos poetas cearenses. Com a ajuda de Leonardo Melo, jornalista, e de Zé, poeta cearense, foram reunidos os poemas dos poetas cearenses, ocasião em que se reuniu a Academia Cearense de Letras.

A REDENÇÃO DO ACAMAPÉ

LEONARDO MELO

1901-1912

Vence a Fúria e o Desejo,
Que se iluminam de luz;
Das cinzas do Proconceito
Resurgem novos deuses,
Tremida a fim a unidade,
Magnando a Legalidade,
Que tem a sombra e não tem luz,
Que um povo que se redime,
É um exemplo sublime,
Que a Féria é Glória condida.

O céu se veste de espumas,
A terra de luz e flores,
O sol se adorna das pássaros.

MARLY VASCONCELOS

Marly Sales Vasconcelos nasceu em Fortaleza no dia 5 de julho. Bacharel em Direito e licenciada em Letras pela Universidade Federal do Ceará, ministrou conferências e aulas de Literatura Brasileira e Literatura Infantil na UFC.

Poetisa que possui “o toque mágico e simples dos grandes poetas, com sua linguagem própria que chega e conquista o leitor, também apaixonado” (Fagner). Colaborou com os jornais *O Povo* e *Jornal de Cultura da UFC* e com as revistas *Pássaro*, *Siriará* e *Revista da Academia Cearense de Letras*. Publicou os seguintes livros de poesias: *Água insone*, 1973; *Cãtygua proença*, 1985; *Sala de retratos*, 1998; e *Azulcobalto*, 2002, (obteve classificação especial na categoria Literatura Juvenil, no Concurso Nacional de Literatura João-de-Barro, Belo Horizonte). Romancista, publicou em 1982 o livro *Coração de areia*, o qual recebeu Menção Honrosa do Prêmio Graciliano Ramos, da União Brasileira de Escritores, Rio de Janeiro. O celebrado poeta cearense Francisco Carvalho também teceu expressivos comentários sobre a poetisa: “De 1973 a 1985, Marly Vasconcelos publicou apenas dois livros de poemas. Isto foi o bastante para colocá-la entre o reduzido grupo daqueles que fazem da poesia um exercício permanente de beleza e de aceitação das nossas fragilidades existenciais”.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 22 de março de 1990, ocasião em que foi saudada pelo romancista João Clímaco Bezerra. Ocupa a vaga deixada pelo escritor Nertan Macedo, cadeira número 7, cujo patrono é o jurista Clóvis Beviláqua. Foi a primeira a tomar posse no Palácio Luz como sede da academia. Pertence à Academia de Letras e Artes do Nordeste.

RETRATOS

*Alguma coisa antiga habita a página.
A morte do cão com sua lealdade
um trem apagando a noite
o domingo mais triste
a lembrança de um amor na pétala da dália.
Coisas que o tempo não desfolha
e nos engasgam.*

FONTE: VASCONCELOS, MARLY. *SALA DE RETRATOS*. FORTALEZA: UFC/ CASA JOSÉ DE ALEN-CAR – PROGRAMA EDITORIAL, 1998. P. 62 (COLEÇÃO ALAGADIÇO NOVO, 176).

HISTÓRIA MARINHA

Entrego a história da noite para os peixes.

No sal das lágrimas da loucura

Maria

costura sua melhor camisa de areia.

O embalo do barco lembra

a trança

a pluma

a candeia

dos que procuram o mistério da sereia.

UM POEMA

O mês de dezembro virá armado de pombos.

*Como o salto da pantera que não se anuncia
eu não quero te dizer ainda das surpresas.*

*Os cegos estão de mãos dadas e olhos vazios
paralisando o trânsito,*

as fontes se banham,

*mas apenas ouves a voz da guitarra
no rastro da noite branca.*

*E eu não quero ainda te dizer
que os pombos virão em bandos.*

FONTE: POEMAS SELECIONADOS PELA AUTORA.